

## NENHUMA RELIGIÃO É UMA ILHA: DIALOGO RELIGIOSO NA PERSPECTIVA DE ABRAHAM JOSHUA HESCHEL

*A voz de Deus fala em muitos idiomas,  
comunicando-se em uma diversidade de intuições.*

**Maria Cristina Mariante Guarnieri** é graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -PUC-SP, mestrado e doutorado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP. Psicóloga clínica, atuando principalmente em Consultório Particular; docente do IJEP- Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa, nos cursos de especialização em Psicologia Junguiana, Psicossomática e Arteterapia; Pesquisadora do Grupo do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia, LABÔ- PUC/SP, coordenando os grupos de "Jung e a filosofia da Religião" e o grupo de "Morte e Pós-Morte". Autora dos livros: *Do fim ao começo*, falando de morte e luto para adolescente, pela Editora Paulinas e *Angústia e Conhecimento: uma reflexão a partir do pensador religiosos*, pela Editora Reflexão, além de diversos artigos e capítulos de livros.

**E-mail:** crisguarnieri@uol.com.br

### Resumo

Esse artigo apresenta uma reflexão a partir de um ensaio de Abraham Joshua Heschel, intitulado *Nenhuma religião é uma ilha*, que foi originalmente elaborado como discurso inaugural no Union Theological Seminary. Nesse texto, Heschel desenvolve a ideia de que a interação entre judeus e cristãos é urgente e necessária para desenvolver uma espiritualidade capaz de remover traços que idolatram e idealizam conceitos que resultam em regimes despóticos como o nazismo. Para ele nenhuma religião é uma ilha, pois estamos todos comprometidos um com o outro, a traição espiritual de um afeta a fé de todos. Nosso intuito nesse ensaio é trabalhar com a ideia da fé como base de um ecumenismo que, para o autor, torna-se urgente contra o niilismo que cresce em extensão e está influenciando o mundo todo.

**Palavras-chave:** Fé, Ecumenismo, Heschel, Judaísmo, Cristianismo.

### Résumé

Cet article présente une réflexion à partir de l'essai d'Abraham Joshua Heschel, *Aucun homme est une île*, écrit et présenté comme discours inaugural à l'Union Theological Seminary. Dans ce texte, Heschel soutient l'idée d'une interaction entre juifs et chrétiens, urgente et nécessaire pour développer une spiritualité capable d'éliminer des éléments sources d'idolâtrie et d'idéalisation des concepts présents dans des régimes despotiques tel comme le Nazisme. Pour lui aucune religion est une île puisque nous sommes tous engagés les uns avec les autres et la négation spirituelle de l'un affecte la foi de tous les autres. Le but de cet essai est celui de travailler l'idée de la foi comme base de l'œcuménisme qui, pour l'auteur, devient une tâche urgente contre le nihilisme, en pleine croissance dans le monde.

**Mots clés:** Foi, œcuménisme, Heschel, judaïsme, christianisme

Há um ensaio muito interessante escrito pelo Abraham Joshua Heschel, intitulado *Nenhuma religião é uma ilha* - que aqui usamos para compor o título desse artigo e que foi originalmente elaborado como discurso inaugural no Union Theological Seminary - , no qual o autor desenvolve a ideia de que a interação entre judeus e cristãos é urgente e necessária para desenvolver uma espiritualidade capaz de remover traços que idolatram e idealizam conceitos que resultam em regimes despóticos como o nazismo. Para ele, nenhuma religião é uma ilha, pois estamos todos comprometidos um com o outro, a traição espiritual de um afeta a fé de todos (HESCHEL, 2002).

Heschel usa a Torah, especialmente a sabedoria dos profetas, como crítica à insensibilidade humana. Apesar das profundas diferenças entre as religiões, da necessidade que cada uma delas tem de manter a sua própria identidade, o autor entende que a humanidade não é uma abstração, que como humanos temos uma singularidade, mas também uma base comum: a consciência de que Deus é o mesmo para todos acima das particularidades das diferentes tradições. A responsabilidade pelo outro é apreendida na narrativa dos "profetas de Israel: nem Aristóteles, nem Karl Marx, e sim Amós e Isaías." (HESCHEL, 1996, p. 240) Os profetas, aliás tema de sua tese de doutoramento, nos lembram, segundo o autor, do interesse de Deus pela situação dos seres humanos. Se profano o outro, profano a mim mesmo e, se o ser humano é a imagem e semelhança de Deus, profano também o nome de Deus. Nosso intuito nesse ensaio é trabalhar com a ideia da fé como base de um ecumenismo necessário contra, segundo Heschel, o niilismo que cresce em extensão e influenciando o mundo todo.

Para Heschel, o pré-requisito mais importante para o ecumenismo é a fé. Mas não sem perceber que a fé só cresce na intimidade e se respeitada a individualidade de cada religião para que a fé não seja profanada e não se corra o risco de sincretismo. A finalidade da comunicação religiosa é enriquecimento mútuo, acréscimo de respeito e reconhecimento: a "voz de Deus chega ao espírito em uma variedade de formas, em uma multiplicidade de linguagens. Uma mesma verdade pode ser interpretada e expressa de muitas maneiras." (HESCHEL, 1996, p. 244) Para ele, não existe verdade sem humildade, nem certeza sem contrição, o que ele entende estar faltando onde mais se precisa delas: na teologia. A religião é um meio, não um fim e igualar a religião a Deus é idolatria.

O respeito pelo compromisso de cada um, o respeito pela fé de cada um, é mais do que um imperativo político e social. Nasce da percepção de que Deus é maior que a religião, que a fé é mais profunda que o dogma, que a teologia tem suas raízes na teologia profunda. A perspectiva ecumênica é a compreensão de que a verdade religiosa não brilha no vácuo, que a questão primordial da teologia é pré-teológica e que a religião envolve a situação total do homem, suas atitudes e atos, e, portanto, nunca deve ser mantida isoladamente. (HESCHEL, 2011, p.181)

A preocupação de Heschel era com o possível declínio da religião. Para ele, isso acontece quando a fé deixa de ser uma fonte viva e a religião fala apenas em nome da autoridade e não com a voz da compaixão. E, dessa forma, sua mensagem perde o sentido e ela se torna algo irrelevante como resposta às mais profundas indagações humanas. Mas quem é Abraham Joshua Heschel? Segundo suas próprias palavras, ele não era um bom esportista, mas teve uma infância alegre e guiado para perspectivas mais elevadas: "desde

criança me ensinaram a viver a vida, ou a me esforçar a viver a vida de um modo compatível com o mistério e o maravilhamento da existência" (HESCHEL, 2021, p. 90).

Heschel cresceu em ambiente religioso; seus pais descendiam de rebbes hassídicos e ele próprio afirma que seu pensamento sofreu a influência de dois mestres, com visões de mundo opostas, o Baal Shem Tov e Menahem Mendel de Kotzk. Segundo o autor, eles representam dois extremos da concepção hassídica de mundo. Kotzer reage a ênfase de Deus na imanência presente no pensamento hassídico, tal como Kierkegaard no pensamento protestante. Para Kotzer Deus é total transcendência. Já em Baal Shem Tov, encontramos transcendência e imanência, ele é intoxicado pela proximidade de Deus, o que acaba por favorecer uma visão imanentista que se sobrepõe a transcendência de Deus. Apesar de Kotzer enfatizar o abismo da separação, ele irá afirmar, segundo Heschel, que esse pode ser atravessado, a partir do nosso coração para Deus. (HESCHEL, 1973)

Susannah Heschel apresenta seu pai como um líder religioso que tinha Deus e os seres humanos juntos em seu pensamento e que isso, na prática, se transformou em profundo interesse por questões sociopolíticas, onde sua percepção religiosa se tornaria a base que sustentaria sua prática: para Heschel, um protesto social era uma experiência religiosa e religião, sem indignação com a má política, era impossível. E essa preocupação que fez do diálogo o ponto central de sua ética da ação.

Como ética da ação, estamos retomando o mesmo ponto de partida de Hilary Putnam que, ao tratar da ética judaica, segue a questão central da tradição grega que, segundo ele, não são as regras de conduta, nem mesmo a questão da virtude, mas o "o que deveria ser o objetivo supremo do bem viver humano?" (PUTNAM, 2005, p.159-60). Na tradição judaica, quando há exigências éticas, temos que considerar principalmente as exigências de Deus e os mandamentos, especificamente, o mandamento de amor. Boas ações indicam que um ser humano é bom e justo; a experiência ética não se faz pelo que é racionalmente certo e conquistado pela atividade especulativa, mas por uma boa ação que se funda na experiência humana.

E a ação será uma marca de Heschel, pois ele entende como um compromisso participar dos problemas da vida e indignar-se diante do sofrimento do outro: "Dos profetas aprendi que devo participar dos problemas do homem, dos problemas dos homens que sofrem". (HESCHEL, 2021 p. 95) Para o autor, os profetas são seu exemplo, são aqueles que falam em nome de Deus vivo, denunciam a miséria e revelam a injustiça. Mas, também oferecem o consolo, a justiça e a compaixão. Heschel sustenta sua compreensão sobre a condição humana justamente nessa experiência existencial profunda do profeta com Deus,

estudada com profundidade em sua tese de doutorado e de onde estabelece algumas categorias que se tornam fundamentais para a filosofia da religião.

Para Heschel, todo pensamento criativo origina-se de um encontro com o desconhecido e, especificamente, o pensamento religioso tem como origem o sublime, o mistério, o milagre, o desafio. Visto dessa forma, o mundo é um desafio. Não se especula sobre a causa da existência, mas se busca uma resposta à pergunta: “O que é exigido de nós?” (HESCHEL, 2021, p.128) A existência, por sua vez, é um mistério. E o mistério é compreendido por Heschel como categoria de pensamento, tendo como pressuposto a presença de Deus e sendo, por isso, um meio de perceber o mundo. O mistério não serve para a mente especuladora, mas sim para que sejamos confrontados constantemente por ele e, ao mesmo tempo, para que sejamos indagados sobre as nossas ações. A Religião, portanto, é uma resposta ao mistério; e a fé, a certeza de que há um sentido além do mistério.

É na tensão entre o pensamento bíblico e grego que Heschel sustentará sua filosofia da religião e elevará o pensamento bíblico como categoria crítica sobre os valores do homem moderno. Esse ponto é importante para compreender que, para o pensador, os direitos e deveres humanos não se sustentam apenas com uma ideia ou uma declaração; é necessário que o ser humano faça de si mesmo um parceiro de Deus, parceria esta que se manifesta em suas ações. E, podemos dizer que essa parceria com Deus é uma tese hescheliana para assinalar um ponto fundamental: que a vida é um presente, que temos responsabilidade de sermos dignos de ser lembrados por Deus. A maior ameaça que estamos sofrendo hoje, segundo o autor, é a insensibilidade diante do sofrimento do outro. “Tudo que nos resta é ficar horrorizados com a perda do nosso senso de horror.” (HESCHEL, 1976, p.369) A vida é uma parceria entre Deus e o ser humano na luta pela justiça, pela paz e pela santidade. É por necessitar do ser humano que Deus fez um pacto com ele por todos os tempos, um vínculo que une Deus e ser humano e no qual ambos estão comprometidos. Na realidade, a humanidade é dependente do como cada um de nós trata o outro.

Podemos dizer que três são os motivos que o fazem ligar suas convicções religiosas com o movimentos sociais e político: a própria perda pessoal com o genocídio nazista, a descoberta que a indiferença ao mal é pior que o mal em si mesmo e seu estudo dos profetas. O próprio Heschel nos diz que foi na revisão de sua dissertação sobre os profetas para publicação em inglês que ele se convenceu que deveria estar envolvido nas questões

humanas. No livro *In this hour: Heschel's writings in Nazi Germany and London exile* que trata, como o próprio nome diz, dos escritos de Heschel na Alemanha nazista e no exílio em Londres, ficamos diante do jovem Heschel, que já apontava a importância de uma educação judaica. Suzana Heschel nos lembra a partir das memórias de seu pai que ele faz parte de uma geração de pensadores judeus que foram produtos da intelectualidade alemã de sua época, mas que também se tornaram severos críticos da maneira alemã de pensar. Heschel observava não só que há uma diferença da compreensão do estudo dos textos a partir da filologia, mas que esta não ajudava na percepção do significado essencial dos textos, pois ignorava a intensidade da devoção religiosa.

Ele próprio escreve em sua autobiografia de 1953:

Eu vim com grande fome para a Universidade de Berlin para estudar filosofia. Eu procurei por um sistema de pensamento, pela profundidade do espírito, pelo sentido da existência. Acadêmicos eruditos e profundos davam curso de lógica, epistemologia, estética, ética e metafísica. Eles abriam os portões da história da filosofia. Eu estava exposto à disciplina austera de incessante questionamento e auto crítica. Eu me comunicava com os pensadores do passado que conheciam como encarar adversidade intelectual com coragem, e aprendi a me dedicar no exame das premissas básicas dos riscos de falhas.

No entanto, apesar da força e da honestidade intelectual que tive o privilegio de testemunhar, tornei-me cada vez mais consciente do abismo que separava minhas opiniões dos acadêmicos. Eu carregava um senso de ansiedade: como posso encontrar uma maneira onde o sentido último reside, um modo de viver onde nunca se perderia a referência ao significado supremo? Por que estou aqui, e qual o meu propósito? Eu nem sabia como colocar em frase minha preocupação. Mas para os meus professores era uma questão indigna de uma análise filosófica...

O problema para os meus professores era como ser bom. Em meus ouvidos a questão era: como ser santo. (HESCHEL, 2019, p. XIX)

Heschel foi introduzido em análise crítica dos textos bíblicos a partir do método de pesquisa histórica, o que significa analisar os mesmos como uma produção humana. Como um defensor da Revelação, o pensador viu o crescimento de uma tensão dentro do estudo acadêmico, entre uma reforma radical e a ortodoxia. Essa tensão também se apresenta no momento de publicação de sua tese. Heschel teve dificuldade em publicá-la, não só devido ao momento político e financeiro, mas também em encontrar aceitação de um trabalho multidisciplinar, que envolvia a linguagem da filosofia e da psicologia. A filosofia da religião de Heschel buscava compreender a religião a partir dela própria e, para tanto, observa que há dois tipos de pensamento, o conceitual e o situacional: "A atitude do pensador conceitual é a de imparcialidade; o sujeito enfrenta um objetivo independente; a

atitude do pensador situacional é a de preocupação: o sujeito imaginando que está envolvido numa situação que tem necessidade de compreender” (HESCHEL, 1976, p. 5).

Impedido de publicar sua tese de doutoramento, principalmente devido a ascensão do nazismo, o que impedia ele de ensinar na universidade, Heschel passou a se dedicar ao ensino da própria comunidade, publicando livros neste período sobre Maimonides, Abravanel e muitos artigos sobre filósofos judeus medievais. Tão logo a tese foi publicada na Polônia, obteve sucesso e foi conhecida na Europa e nos EUA. Mas ele precisava fugir do Terceiro Reich e tentou ser rabino em Praga, porém não deu certo. Martin Buber, então, o chamou para dirigir a *Judisches Lehrhaus*, fundada por ele e por Franz Rosenzweig, em Frankfurt, onde ficou até ser deportado para Polônia, de onde tentou com muito esforço, um visto para o EUA (HESCHEL, 1976).

A *Freies Jüdischen Lehrhaus* (Casa livre de estudos judaicos), foi fundada em 1920, e tinha como foco a educação do judeu adulto. Segundo Leora Batnitzky (2011), a meta da *Lehrhaus* era colocar o judeu moderno de frente para a tradição textual judaica em sua linguagem original e, assim, dar boa educação e, principalmente, dar ferramentas para esse mesmo judeu retornar à tradição. A mesma questão, também, preocupava Rosenzweig que, por exemplo, se dedicou a tradução e ao estudo de Halevi, mas com o foco no uso de tal obra como material de auto-educação como religioso, totalmente engajado na vida judaica. A *Lehrhaus* foi um importante símbolo de como a tradição pode dialogar com a modernidade e criar uma educação transformadora. A pedagogia de Rosenzweig foi inovadora e com certeza abriu uma nova janela tanto para Buber como para Heschel, que em caminhos opostos, descobriam a riqueza espiritual do hassidismo. Heschel junto Buber escreveram sobre a importância da Casa:

[...] Sempre nos lembramos e recontamos, para nós e para aqueles que virão: aprender e ensinar é o que enche nossa consciência com o que está presente e passando por nós, liga o passado com o futuro. Em nosso aprendizado o espírito renova a conexão com todos os tempos: na *Lehrhaus*, toda a realidade judaica se estende a a geração presente pelas mãos do passado e sustenta nessas mãos o futuro para guiá-lo. (HESCHEL, 2019, p. XXIV)

Suzana Heschel comenta que sempre foi grande o interesse de Heschel na sobrevivência e no espírito da comunidade, mas que ele escrevia “não oferecendo conforto mas mudança” (HESCHEL, p. XIII). Mas mesmo na época, em suas palavras de mudança havia sempre uma esperança na recuperação moral e espiritual diante da catástrofe política. E cita, como exemplo, uma conversa entre ele e Buber, que Heschel alerta que no ensino do judaísmo deveríamos não ensinar o livro de orações, mas sim o modo de rezar.



Portanto, o que podemos observar é o jovem Heschel (por volta de 20 anos) já preocupado com a atenção e o conforto aos judeus com *insights* sobre a situação em que estava envolvido e que estarão presente nos escritos do professor que ele se tornou mais tarde nos EUA. Para a autora, a experiência do jovem Heschel aponta sua vitalidade nas discussões que revelam uma “nova visão dos judeus alemães nos anos entre dignidade e desespero” (HESCHEL, p. XIV) Heschel reúne em diálogo as antigas fontes onde foi formado, o famoso e inacessível Talmude, e coloca essas reflexões e questões em seu próprio tempo, mostrando o caráter de urgência que a tradição nos apresenta sobre a questão humana.

Em sua rota de fuga, Heschel foi reforçando os laços com seu judaísmo. A influência hassídica lhe garantia a ênfase na experiência de ser judeu. De fato, o jovem Heschel era um crítico das limitações do academicismo do mundo germanico, mas seria seu percurso natural se tornar um acadêmico se não fosse a insanidade daqueles tempos.

[...]nesta hora nós , os vivos, somos “povo de Israel”. As tarefas, iniciada pelos patriarcas e profetas e continuada em seus descendentes, agora nos são confiadas. Nós somos ou os últimos judeus ou aqueles que entregarão todo o passado as próximas gerações. Nós perderemos ou enriqueceremos o legado das gerações. (HESCHEL, *The earth is the Lord’s*, epígrafe, 2019).

Neste ensaio, o autor desenvolverá o que ele chamou de um sonho, mas um sonho divino onde os profetas e rabinos cuidam para preencher os nossas preces de verdadeira piedade, um sonho de um mundo, onde o mal é combatido pela Graça do Senhor tanto quanto pelos esforços do homem, por sua dedicação à tarefa de estabelecer o reino de Deus no mundo. Deveríamos, segundo Heschel, estar cheio de horror, reprovação e vergonha, pois profanamos a palavra de Deus.

O silêncio paira sobre a terra impiedosamente radiante. O Dia do Senhor é um dia sem o senhor.”[...] Que o fascismo não sirva de álibi para a nossa consciência. Fracassamos em lutar pelo direito, pela justiça, pelo bem; como resultado devemos lutar contra o erro, contra a injustiça contra o mal. Falhamos em oferecer sacrifícios no altar da paz; agora devemos oferecer sacrifícios no altar da guerra. (HESCHEL, 1969, p. 615-6)

Para Heschel, a pessoa não pode ser religiosa e indiferente aos outros seres humanos em suas dificuldades e sofrimentos. “a tragédia do homem é que muito de nossa história é uma história de indiferença” (HESCHEL), as verdades científicas, não apenas pelo desejo de busca de conhecimento, mas em detrimento de milhares de vidas humanas, pois não são atendidas por essa busca, pois ela é guiada pelo poder, por exploração política

e militar validada pelo estado. O conflito que enfrentamos é entre o poder e as necessidades humanas, a ciência está sobre os afetos humanos.

"Não existe compaixão sem um senso de temor e respeito pelo mistério da existência" (HESCHEL 2002, p. 140) Para ele a mente religiosa sabe que a vida é assunto sério e é isso que precisa ser apreendido e ensinado ao mundo contemporâneo. Por isso ensinar se torna um serviço para Heschel. A educação judaica torna-se algo fundamental, pois educar uma pessoa não é igual a aquisição de conhecimento, é um processo e acontece de modo único: esse conhecimento precisa ser amor, isto é, amor não é uma ilusão ridícula, mas sim um caminho de valores, de paz e integridade, que através da indignação de cada um de nós, mas principalmente através do retorno, em seu caso, ao espírito do judaísmo, funciona como uma resposta as principais questões humanas. A tarefa de uma filosofia da religião seria, nesse sentido, redescobrir as questões para as quais a religião poderia ser uma resposta, aprofundando a investigação em relação a consciência humana, aos ensinamentos, a deliberação das tradições religiosas e, principalmente, contribuir para uma metaética; uma profunda reflexão sobre nossos feitos.

Heschel, como outros na modernidade - Cohen, Lévinas e Rosenzweig - voltam-se para literatura talmúdica, algo que antes era reservado apenas aos talmudistas. Mas será no estudo da Torá, com as lendas dos rabinos e mestres, e na influência do hassidismo que sua filosofia se constituirá. O homem piedoso, o hassidim, foi colocado em oposição ao rabino, o intelectual talmúdico. O hassidim é aquele que está embriagado por Deus, "O mundo é um véu que se retirado só há Deus. O mundo do espírito é a eternidade, o mundo aqui e agora é vaidade" (HESCHEL, 1973, p. 18). Sua reflexão seguirá a experiência consciente de Deus e como esta altera o seu pensar sobre o mundo; é um filósofo que pensa sob o olhar de Deus.

É no trabalho de Heschel com os profetas que grande parte de seu pensamento se constituirá. Para ele, a qualidade mais importante do profeta é a sensibilidade para com o mal e iniquidade (daí vem sua participação ativista). Seu pensamento é marcado por sua sensibilidade a experiência emocional que tem como ideia central o *pathos* divino. Esse conceito sugere que o ser humano tem capacidade para transcender, de abrir-se para o infinito e para o inefável, mas que também é buscado pelo transcendente. O profeta é aquele que sabe o que Deus quer, ele dá testemunho do *pathos* de Deus que é onde se dá o encontro entre o ser humano e Deus, pois Ele ao revelar-se ao profeta, não revela Sua essência, mas sim Sua presença (HESCHEL, 1998).



A humanidade pra ele não é uma abstração. Heschel usa a bíblia como crítica à insensibilidade humana. Diante das grandes dificuldades morais que enfrentamos após as nossas escolhas, Heschel adverte que não adianta apenas eleger um culpado: "Poucos são culpados, mas muitos são responsáveis" (HESCHEL, 1996, p. 220). É importante distinguirmos e diferenciarmos ambos conceitos, culpado indica a conexão com um crime, uma falha, um pecado, algo que implique em uma violação da lei e envolve penalidade. A responsabilidade, segundo o autor, é capacidade de sermos chamados a responder, sem ter envolvimento com o ato criminoso. "A questão que deveríamos ponderar aqui é moral, não legal; responsabilidade melhor que culpa, prevenção, melhor que punição" (HESCHEL, 1996, p. 221). A responsabilidade pelo outro é apreendida na narrativa religiosa com os profetas. Os profetas nos lembram do interesse de Deus pela situação dos seres humanos. Se profano o outro, profano a mim mesmo e, se o ser humano é a imagem e semelhança de Deus, profano também o nome de Deus.

Nesses sentido, o profeta é um exemplo e com eles, afirma Heschel, ele aprendeu que deveria participar dos problemas humanos, principalmente dos humanos que sofrem. E é um encontro com Martin Luther King, em 1963, em uma Conferência Nacional de Cristãos e Judeus, que marca o início de uma amizade e da participação ativa de Heschel na questão dos direitos civis nos EUA. Em 1965, ele marcha pelos direitos civis dos negros, ao lado de Martin Luther King, no Alabama, que pode ser visto em fotos da época, dado sua presença na primeira fila juntos aos demais líderes da manifestação. Sua filha, Suzana Heschel, nos conta que para o pai, a marcha era um momento religioso e que pouco antes desta começar, um serviço foi realizado em uma pequena capela, onde seu pai teria lido o Salmo 27: " O Eterno é a luz que me guia e a fonte de minha salvação; a quem então temerei?"

Sua famosa frase, "Quando marchei com Martin Luther King em Selma, Alabama, senti que minhas pernas rezavam." Ilustra o que ele entendia: um ato com a consciência do Sagrado, de sua responsabilidade individual pelo coletivo apreendida com os profetas. E é em 1963 que ele estabelece ligações com figuras-chave no Vaticano, a partir do Concílio, envolvendo-se com o Conselho Ecumênico em Roma e se tornando consultor de judaísmo do Cardeal Bea.

Foi no espírito da teologia profunda que o Cardeal Bea anunciou sua intenção de preparar uma Constituição sobre a liberdade religiosa para apresentação na próxima sessão do Concílio, na qual os Padres seriam convidados a manifestar enfaticamente um reconhecimento público da inviolabilidade da consciência humana como o direito final de todo homem, não importa quais sejam suas crenças religiosas ou lealdade ideológica. O

Cardeal Bea afirmou ainda que o axioma “O erro não tem o direito de existir”, que é usado tão levemente por certos apologistas católicos, é pura tolice, pois o erro é um conceito abstrato incapaz de direitos ou obrigações. São as pessoas que têm direitos e, mesmo quando erram, seu direito à liberdade de consciência é absoluto. (HESCHEL, 2011, p. 182)

Para Heschel, todo ser humano tem o direito de honrar a Deus de acordo com sua consciência. O encontro com o outro humano é um encontro com a imagem de Deus. e, esse encontro só é possível se for na dimensão do tremor e temor, no reconhecimento que diante dos problemas da existência estamos todos no caminho da fé. Em conversas com o Papa Paulo VI procurou interferir de modo a eliminar a questão da concessão de judeus, Em entrevista a Carl Stern ele diz:

Um dos maiores escândalos da história da igreja foi tentar converter judeus em cristãos. o cristianismo é uma religião pelo qual tenho um grande respeito. Mas também devo lembrar que ser judeu pra mim é tão sagrado que estou disposto a morrer por isso. E, quando o Conselho ecumênico publicou uma declaração expressando a esperança de que os judeus se unissem eventualmente à Igreja, publiquei uma réplica muito forte. Eu disse: “Prefiro ir a Auschwitz do que abandonar minha religião. (HESCHEL, p. 103)

Para Heschel, a Igreja, sábia e antiga como é, percebeu que a existência de judeus é preciosa para os cristãos, tal como defende Rosenzweig, em estrela da redenção, na imagem do centro da estrela como fogo central sendo o judaísmo e os raios como cristianismo. Há um comprometimento com tornar Deus presente no mundo.

Observamos sua influência na *Nostra Aetate* (1965), que é a declaração sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs, onde podemos perceber que não há referência à conversão dos judeus, e queria seria fruto do esforço do pensador e dos diálogos que teve com o Papa Paulo VI sobre a questão. Sabemos que em 1964, Heschel esteve na abadia trapista em Kentucky Hills com Thomas Merton, com quem desenvolveu uma amizade profunda. A influência de Heschel pode ser observada na mística e na sua relação com a profecia. As categorias trabalhadas no texto *Deus em busca do homem* acabam influenciando Merton na aproximação do mistério, mas também na ação no mundo.<sup>1</sup>

Desse encontro Heschel consegue apoio e uma intervenção na forma de apelo ao Cardeal Bea. O próprio Cardeal elogia seus textos e, por fim, o judaísmo fica como “patrimônio comum” e a ideia de conversão é retirada. O foco se dirige para a fraternidade universal e toda a discriminação racial ou religiosa é reprovada. Merton divide com Heschel

<sup>1</sup> Para aprofundar a relação entre Merton e Heschel, ver KAPLAN, Merton and Judaism: Recognition, Repentance and Renewal.

a ideia de que o otimismo é demanda do religioso. O diálogo inter-religioso era essencial para Heschel, ele via a teologia profundada como algo em comum com este diálogo. Para ele é uma vontade de Deus que haja um pluralismo religioso.

E Carl Stern pergunta:

**O mundo seria melhor se houvesse somente uma religião?**

Não

**Haveria menos conflito?**

Não. Pelo que posso julgar,, e trato de julgar qual é a vontade de Deus por meio da história, parece ser a vontade de Deus que haja mais de uma religião. Penso que é maravilhoso perceber isso. O que aconteceria por exemplo se o Metropolitan Museu of art de Nova York tentasse introduzir a ideia de que todos os quadros fossem parecidos? Ou se sugerisse que todos os rostos humanos fossem parecidos? Como você responderia a min ha proposta?

**Eu seria contra**

Eu fico contente. Nós concordamos. (HESCHEL, 2021,p. 104)

Na realidade, Heschel reúne com esse encontro, com essas manifestações, questões político-sociais, fundamentos éticos religiosos e uma postura crítica ao proseletismo. Heschel entendia que a posição do religioso na sociedade moderna era de denunciar, criticar e se posicionar contra a injustiça, em nome da reverência de Deus e da sua imagem no mundo, o ser humano. Para ele, não podemos nos manter alheios das atrocidade cometidas contra o próximo pois, quando desumanizo o outro, desumanizo a mim mesmo, o que leva ele a dizer que nossa maior ameaça, hoje, é a insensibilidade diante do sofrimento do outro.

Para Heschel, nenhuma religião é uma ilha e o pré-requisito mais importante para o ecumenismo é a fé. Mas não sem perceber que a fé só cresce na intimidade e se respeitada a individualidade de cada religião para que a fé não seja profanada e não se corra o risco de sincretismo. A finalidade da comunicação religiosa deveria ter como objetivo o enriquecimento mútuo e acréscimo de respeito e reconhecimento. Na epígrafe desse ensaio, citamos Heschel para falar que "voz de Deus chega ao espírito em uma variedade de formas, em uma multiplicidade de linguagens." E acrescentamos o restante da frase que diz que " Uma mesma verdade pode ser interpretada e expressa de muitas maneiras." (IDEM,2002 p.230) Diante dessa constatação, para o autor, devemos encontrar uma base religiosa capaz de facilitar a comunicação e cooperação com temas importantes da modernidade, com as inquietações morais e espirituais, com a paz e com manter viva a presença de Deus. Para ele, não existe verdade sem humildade, nem certeza sem

contrição, o que ele entende estar faltando onde mais se precisa delas: na teologia. A religião é um meio, não um fim e igualar a religião a Deus é idolatria.

### Referências

BATNITZKY, Leora. **How judaism became a religion**: an introduction to Modern Jewish Thought. USA: Princeton University Press, 2011.

GLATZER, Nahum N. **The Judaic Tradition**. USA: Behrman House, 1969.

GUARNIERI, Maria Cristina Mariante. **Angústia e Conhecimento**: uma reflexão a partir dos pensadores religiosos Franz Rosenzweig, Sören Kierkegaard e Qohelet. São Paulo: Reflexão, 2011.

HESCHEL. Abraham Joshua. **Moral Grandeur and Spiritual Audacity**: essays edited by Susannah Heschel. New York: Farrar, Straus e Giroux, 1996.

HESCHEL. Abraham Joshua. **God in search of man**. São Paulo: Arx, 1976.

HESCHEL. Abraham Joshua. **O último dos profetas**. São Paulo: Manole, 2002.

HESCHEL. Abraham Joshua. **The prophets**. New York: Harp and Row Publishers, 1998, v.1 e 2.

HESCHEL. Abraham Joshua. **The Insecurity of freedom**: essays on human existence. Farrar, Straus e Giroux. Kindle, 2011.

HESCHEL. Abraham Joshua. **Passion for Truth** . New York: Jewish Lights Publishing, 1973.

HESCHEL. Abraham Joshua. **In this hour**: Heschel's Writings in Nazi Germany and London Exile. The Jewish Publication Society. Edição do Kindle, 2019.

KAPLAN, T. **Merton and Judaism**: Recognition, Repentance and Renewal; Holiness in Words. Lousville: Fons Vitae, 2003.

PUTNAM in SCHEWEIKER, W. (org). **The Blackwell Companion to Religious Ethics**, 2005.